

Notas acerca das antinomias de «Marxismo e Filosofia da Linguagem» de Bakhtin

Introdução

I. Da provisoriidade das notas:

A. Estas notas têm um caráter provisório e aproximativo, decorrente de que:

A1. analisamos cerca de 40% do total da obra em sala de aula

A2. o texto foi analisado fora do contexto do conjunto da obra do autor

A3. a análise considerou uma tradução da obra que não é 100% segura, já que se baseou não no texto original, mas na tradução francesa, a qual, também, é polêmica.

II. Do «grau de certeza» das notas:

A. Aspectos que conferem «autoridade» às nossas conclusões:

A1. a análise do texto se pautou por exame detalhado de passagens extensas do texto, e não de frases ou períodos isolados do mesmo. Os fundamentos do texto, e suas antinomias, foram retirados do texto enquanto tal, e não introduzidos do exterior por uma perspectiva ou angulação que não era a do autor

A2. algumas das antinomias, assim como algumas das afirmações do autor, foram uma constante ao longo de nossas análises. Serão estas constantes que procuraremos apontar a seguir

A3. os fundamentos e as antinomias localizadas sugerem uma conexão com o debate marxista no final dos anos '20, início dos anos '30. Análogas questões de fundo podem ser encontradas tanto nos escritos de Lukács como de Gramsci do período.

O caráter social e histórico da língua: sua especificidade ontológica

III. Dos fundamentos da língua em Bakhtin:

A. A consciência e a língua são fatos sociais, não naturais. Delimitação clara com o marxismo vulgar/stalinismo nascente, que busca as leis dialéticas gerais da natureza e do ser social. Esta afirmação do caráter puramente social da consciência é feita nos seguintes termos:

A1. determinação social da língua:

«A consciência constitui um fato sócio-ideológico, não acessível a métodos tomados de empréstimos à fisiologia ou às ciências naturais». (48)

«Dois organismo biológicos, postos em presença de um meio puramente natural, não produzirão um ato de fala». (70-1)

«Os processos que, no essencial, determinam o conteúdo do psiquismo, desenvolvem-se não no organismo, mas fora dele, ainda que o organismo individual participe deles /.../ *O psiquismo subjetivo é objeto de uma análise ideológica, de onde se depreende uma interpretação sócio-ideológica.* O fenômeno psíquico, uma vez compreendido e interpretado, é explicável exclusivamente por fatores sociais, que determina a vida concreta de um dado indivíduo, nas condições do meio social». (48)

A2. a determinação histórica da língua:

«A esse respeito faremos simplesmente a seguinte observação: cada época e cada grupo social têm seu próprio repertório de formas de discurso na comunicação sócio ideológica. A cada grupo de formas /.../ corresponde um grupo de temas. /.../ {as formas de comunicação verbal} são inteiramente determinadas pelas relações de produção e pela estrutura sócio-política». (43)

«Todo signo /.../ resulta de um consenso entre indivíduos socialmente organizados no decorrer de um processo de interação. Razão pela qual *as formas do signo são condicionadas tanto pela organização social de tais indivíduos como pelas condições em que a interação acontece.* Uma modificação destas formas ocasiona um modificação do signo.» (44)

A2.1 decorrências metodológicas:

«Só esta abordagem pode dar uma expressão concreta ao problema da mútua influência do signo e do ser; é apenas sob esta condição que o processo de determinação causal do signo pelo ser aparece como uma verdadeira passagem do ser ao signo, como um processo de refração realmente dialético do signo no ser». (44)

«Para tanto é indispensável observar as seguintes regras metodológicas: 1) Não dissociar a ideologia da realidade material do signo; 2) Não dissociar o signo das formas concretas de comunicação social; 3) Não dissociar a comunicação e suas formas de sua base material (infra-estrutura)». (44)

A3. *signo e luta de classes:*

«O ser, refletido no signo, não apenas nele se reflete, mas também *se refrata*. O que é que determina esta refração do ser no signo ideológico? O confronto de interesses sociais nos limites de uma só e mesma comunidade semiótica, ou seja: *a luta de classes*». (46)

Como classes sociais distintas «servem-se de um só e mesma língua» (46), «*em todo signo ideológico confrontam-*

se índices de valor contraditórios. O signo se torna a arena onde se desenvolve a luta de classes». (46)

Esta «plurivalência social do signo» é decisiva para o seu desenvolvimento (mais à frente B. dirá que, sem ela, o signo decai a mero sinal).

«Mas aquilo que torna o signo ideológico vivo e dinâmico faz dele um instrumento de refração e deformação do ser. A classe dominante tende a conferir ao signo ideológico um caráter intangível e acima das diferenças de classe, a fim de abafar ou de ocultar a luta dos índices sociais de valor que aí se trava, a fim de tornar o signo monovalente». (47)

Mas este caráter internamente contraditório do signo apenas se mostra por inteiro nas épocas revolucionárias, pois na vida cotidiana normal «o signo ideológico é sempre um pouco reacionário /.../ pois tende a valorizar a verdade de ontem como sendo válida hoje em dia.» (47)

B. realidade específica da língua: não é «coisa» mas é «material»:

Apesar de não ser «coisa» (49), a língua possui uma «realidade material /que é a/ específica da criação ideológica» (25) (Cf. tb. pg. 118).

B1. A realidade da língua e da ideologia são intimamente relacionadas:

Def. Ideologia:

«Um produto ideológico faz parte de uma realidade (natural ou social) como todo corpo físico, instrumento de produção ou produto de consumo; mas, ao contrário destes, ele também reflete e refrata uma outra realidade que lhe é exterior.» (31)

«Tudo que é ideológico possui um *significado* e remete a algo situado fora de si mesmo. Em outros termos, tudo que é ideológico é um *signo*. Sem signos não existe ideologia. Um corpo físico vale por si próprio: não significa nada e coincide inteiramente com sua própria natureza. Neste caso, não se trata de ideologia.» (31)

Portanto: uma ideologia:

1) «faz parte de uma realidade»

2) «reflete e refrata uma realidade que lhe é exterior», ou seja, é um signo, possui um significado. Ter significado = «remete(r) a algo situado fora de si mesmo»

3) Sem signos não há ideologia.

Atenção: 4) «Um corpo físico vale por si próprio: não significa nada e coincide inteiramente com sua própria natureza. Neste caso, não se trata de ideologia.»(31)

Ou seja: a especificidade da realidade material da língua, do signo e da ideologia, é que, diferentemente das outras coisas, ela refrata e reflete, conferindo significado; não coincidindo «inteiramente com sua própria natureza», como fazem as «coisas», mas remetendo sempre ao outro. Disto concluindo Bakhtin que

«Portanto, ao lado dos fenômenos naturais, do material tecnológico e dos artigos de consumo, existe um universo particular, o universo dos signos.»(32)

B2. a realidade do signo:

1) é material:

«não existe apenas como parte de uma realidade; ele também a reflete e refrata uma outra {realidade}. Ele pode distorcer essa realidade, ser-lhe fiel, ou apreendê-la de um ponto de vista específico, etc. Todo signo b) está sujeito aos critérios de avaliação ideológica (isto é: se é verdadeiro, falso, correto, justificado, bom, etc.). c) O domínio do ideológico coincide com o domínio dos signos: são mutuamente correspondentes. Ali onde o signo se encontra, encontra-se também o ideológico. *Tudo que é ideológico possui um valor semiótico.*»(32) (a, b e c meus!)

«Cada signo ideológico, é não apenas um reflexo, uma sombra da realidade, mas também um fragmento material dessa realidade»(33).

«Todo fenômeno que funciona como signo ideológico tem uma encarnação material, seja como som, como massa física, como cor, como movimento do corpo ou como outra coisa qualquer.»

E, então:

«Nesse sentido a realidade do signo é totalmente objetiva e, portanto, passível de um estudo metodologicamente unitário e objetivo. *Um signo é um fenômeno do mundo exterior.* (grifo nosso) O próprio signo e todos os seus efeitos (todas as ações, reações e novos signos que ele gera no meio social circundante) aparecem na experiência exterior.»(33)

C. Portanto, para Bakhtin

«A verdadeira substância da língua não é constituída por um sistema abstrato de formas lingüísticas nem pela enunciação monológica isolada, nem pelo ato psicofisiológico de sua produção, mas pelo fenômeno social da *interação verbal*, realizada através da *enunciação* ou das *enunciações*. A interação verbal constitui assim a realidade fundamental da língua». (123)

Nesse contexto, toda enunciação é uma «*fração*» de um corrente ininterrupta de comunicação, a qual constitui «um momento na evolução» de um grupo social determinado.(123)

«A comunicação verbal não poderá jamais ser compreendida e explicada fora desse vínculo com a situação concreta».(124)

Concluindo:

«é nessa mesma ordem que se desenvolve a evolução real da língua: as relações sociais evoluem (em função das infra-estruturas), depois a comunicação e a interação verbais evoluem no quadro das relações sociais, as formas dos atos de fala evoluem em consequência da interação verbal, e o processo de evolução reflete-se, enfim, na mudança das formas da língua.».(124)

C1. Esta base fundamental é o sólo sobre o qual B. deposita a seguinte questão:

«Mas o que é que se revela como o verdadeiro núcleo da realidade lingüística? O ato individual da fala -- a enunciação -- ou o sistema da língua? E qual é, pois, o modo de existência da realidade lingüística? Evolução criadora ininterrupta ou imutabilidade de normas idênticas a si mesmas?».(89)

Língua, totalidade social e individualidade: a «realidade» do *psiquismo subjetivo*

IV. «Que tipo de realidade pertence ao *psiquismo subjetivo*? A *realidade do psiquismo interior* é a do *signo*».(49)

A. *O inquilino:*

A1.1 *signo enquanto fronteira entre o organismo e o mundo exterior:*

«Por natureza, o *psiquismo subjetivo* localiza-se no limite do organismo e do mundo exterior, vamos dizer, na *fronteira* dessas duas esferas da realidade. É nessa região limítrofe que se dá o encontro entre o organismo e o mundo exterior, mas esse encontro não é físico: o *organismo* e o *mundo interior* encontram-se no *signo*».(49)

Nesse sentido, continua B., «A atividade psíquica constitui a expressão semiótica do contato entre o organismo e o meio exterior. Eis porque o *psiquismo interior* não deve ser analisado como uma coisa, ele não pode ser compreendido e analisado senão como um *signo*».(49)

A1.2 *compreensão enquanto cadeia fechada de signos:*

Um pouco antes, Bakhtin afirmara que o idealismo e o psicologismo situam a «ideologia na consciência»(33), se esquecendo que:

«a própria consciência só pode surgir e se afirmar como realidade mediante a encarnação material em signos. Afinal, compreender um signo consiste em aproximar o signo apreendido de outros signos já conhecidos; em outros termos, a compreensão é uma resposta a um signo por meio de signos.»(33-4)

E, continuando:

«E essa cadeia de criatividade e compreensão ideológicas, deslocando-se de um signo para um novo signo, é única e contínua: de um elo da natureza semiótica (e, portanto, também de natureza material) passamos sem interrupção para um outro elo de natureza estritamente idêntica. Em nenhum ponto a cadeia se quebra, em nenhum ponto ela penetra a existência interior, de natureza não material e não corporificada em signos.»(34)

Atenção: como escapar do solipsismo? Não fazendo referência a ele:

«Essa cadeia ideológica estende-se de consciência individual em consciência individual, ligando umas às outras. Os signos emergem, decididamente do processo de interação de uma consciência individual e outra. E a própria consciência individual está repleta de signos. A consciência só se torna consciência quando se impregna de conteúdo ideológico (semiótico) e, conseqüentemente, somente no processo de interação social.»(34)

Al.3 lógica da consciência = lógica dos signos:

Dado o caráter social dos signos,

(«o ideológico enquanto tal não pode ser explicado em termos supra ou infra-humanos. Seu verdadeiro lugar é o material social particular de signos criados pelo homem. Sua especificidade reside, precisamente, no fato de que ele se situa entre indivíduos organizados, sendo o meio de sua comunicação».(35))

e da definição de psiquismo interior como sendo da mesma realidade que os signos, B. afirma que

«A consciência individual é um fato sócio-ideológico.»(35)

Portanto os signos: 1) são materiais; 2) compõem um universo peculiar de signos, onde um remete a outro numa teia auto-suficiente de remissões significativas; 3) se situam entre indivíduos organizados, sendo o meio de sua comunicação.

Isso leva B. a subordinar a «lógica da consciência» à «lógica dos signos».

«A consciência não pode derivar diretamente da natureza /.../
A ideologia não pode derivar da consciência {pois} A

consciência adquire forma e existência nos signos criados por um grupo organizado no curso de suas relações sociais. Os signos são o alimento da consciência individual, a matéria do seu desenvolvimento, e ela reflete sua lógica e suas leis.»(36)

continuando: «A lógica da consciência é a lógica da comunicação ideológica, da interação semiótica de um grupo social. Se privarmos a consciência de seu conteúdo semiótico e ideológico, não sobra nada. A imagem, a palavra, o gesto significante, etc. constituem seu único abrigo. Fora desse material, há apenas o simples ato fisiológico, não esclarecido pela consciência, desprovido do sentido que os signos lhe conferem.»(36)

A1.4. *Qual o fundamento da lógica dos signos=lógica da consciência?*

A1.4.1 *Não há diferença qualitativa entre a realidade objetiva e a ideologia*

«A realidade dos fenômenos ideológicos é a realidade objetiva dos signos sociais. As leis dessa realidade são as leis da comunicação semiótica e são **diretamente determinadas** pelo conjunto das leis sociais e econômicas.»(36) (grifo nosso)

Nesse mesmo sentido, no Capítulo III¹, B. pondera que

«/.../ do ponto de vista do conteúdo, não há fronteira a priori entre psiquismo e ideologia. Há apenas uma diferença de grau: no estágio do desenvolvimento anterior, o elemento ideológico, ainda não exteriorizado sob a forma de material ideológico, é apenas um elemento confuso. /.../{não sendo} reforçado no contexto da ciência, como sistema ideológico coerente, é apenas um pensamento obscuro e inacabado, Mas, no contexto da minha consciência, esse pensamento pouco a pouco toma forma, apoiando-se no sistema ideológico, pois ele próprio foi engendrado pelos signos ideológicos que assimilei anteriormente. Uma vez mais, não há aqui diferença qualitativa».(57)²

¹ - logo após a afirmação, que analisaremos a seguir, e que aparente contradiz frontalmente nossa interpretação do texto, segundo a qual«/.../todo fenômeno ideológico, ao longo do processo de sua criação, passa pelo psiquismo, como por uma instância obrigatória».(57)

²Por isso, salienta B., o psiquismo não é o individual contraposto à ideologia que seria social.«'Social' está {nesta concepção} em correlação com 'natural': não se trata aí do indivíduo enquanto pessoa, mas do indivíduo biológico natural. O indivíduo enquanto detentor dos conteúdos de sua consciência, enquanto autor dos seus pensamentos, enquanto personalidade responsável por seus pensamentos e por seus desejos, apresenta-se como um fenômeno puramente sócio-ideológico. Essa é a razão porque o conteúdo do psiquismo 'individual' é, por natureza, tão social quanto a ideologia/.../. Todo signo é social por natureza, tanto o do exterior quanto o do interior».(58)

A1.4.2 Leis sócio-econômicas determinam diretamente a comunicação semiótica:

1)

«Preliminarmente, portanto, separando os fenômenos ideológicos da consciência individual nós os ligamos às condições e às formas da comunicação social. A existência do signo nada mais é do que a materialização dessa comunicação. É nisso que consiste a natureza de todos os signos ideológicos». (36)

Ora, se a «realidade do psiquismo interior é a do signo», e o signo é a materialização da comunicação social, então o psiquismo interior é, de algum modo, materialização da «comunicação» social!

2)

«O conteúdo a exprimir e sua objetivação externa são criados, como vimos, a partir de um único e mesmo material (lembrar da definição à pag. 49: «A realidade do psiquismo interior é a do signo»), pois não existe atividade mental sem expressão semiótica. Conseqüentemente, é preciso eliminar de saída o princípio de uma distinção qualitativa entre o conteúdo interior e a expressão exterior. Além disso, o centro organizador e formador não se situa no interior, mas no exterior. Não é a atividade mental que organiza a expressão, mas, ao contrário, é a expressão que organiza a atividade mental, que a modela e determina sua orientação». (112)

«/.../ o arbítrio individual não poderia desempenhar aqui papel algum» (pg. 45, ao tratar dos valores)

3)

«A realidade ideológica é uma superestrutura situada imediatamente acima da base econômica. A consciência individual não é o arquiteto dessa superestrutura ideológica, mas apenas um inquilino de edifício social dos signos ideológicos.» (36)

Em suma: 1) os signos são uma realidade

1a) são mediações entre organismo/mundo exterior (pg. 49) e entre indivíduos organizados (pg. 35)

2) refletem e refratam: remetem a outro.

3) coincidem com a ideologia

4) a lógica dos signos funda a lógica da consciência

5) a lógica dos signos é determinada diretamente pelas leis da comunicação semiótica

6) as leis semióticas são diretamente determinadas pelas leis sócio-econômicas

7) o indivíduo é inquilino desta estrutura.

B. A existência do «psiquismo subjetivo individual»:

Em outras passagens, B. indica fortemente que o psiquismo individual é algo mais que «inquilino», que é algo qualitativamente distinto a um mero inquilino.

B1. *selo da individualidade*

Após distinguir entre o indivíduo biológico e a individualidade social, argumenta B. que

1) «Se o conteúdo do psiquismo individual é tão social quanto a ideologia, por outro lado, as manifestações ideológicas são tão individuais (no sentido ideológico deste termo) quanto psíquicas. Todo produto da ideologia leva consigo o selo da individualidade do seu ou dos seus criadores, mas este próprio selo é tão social quanto todas as outras particularidades e signos distintivos das manifestações ideológicas. Assim, todo signo, inclusive o da individualidade, é social». (59)

2) «/.../ todo pensamento de caráter cognitivo materializa-se em minha consciência, em meu psiquismo, apoiando-se no sistema ideológico de conhecimento que lhe for apropriado. Nesse sentido, meu pensamento, desde a sua origem, pertence ao sistema ideológico e é subordinado a suas leis. Mas, ao mesmo tempo, ele também pertence a um outro sistema único, e igualmente possuidor de suas próprias leis específicas, o sistema do meu psiquismo». (59)

B2. *psiquismo subjetivo individual*:

No capítulo III, ao tratar da palavra, surge no texto do Bakhtin o «psiquismo subjetivo individual» como algo além de mero «inquilino»:

B2.1. A palavra: relação social

«A palavra é o fenômeno ideológico por excelência.» (36)

Vejamos:

«A realidade toda da palavra é absorvida por sua função de signo», ou seja, por ser

1) uma instância que reflete e refrata algo a ela exterior

2) uma mediação entre indivíduos socialmente organizados

3) uma superestrutura determinada «diretamente pelo conjunto das leis sociais e econômicas»

«A palavra não comporta nada que não esteja ligado a essa função, nada que não tenha sido gerado por ela, A palavra é o modo mais puro e sensível de relação social» (36)

atenção: a palavra é uma relação social no seu modo «mais puro e sensível»!

Por isso, «É precisamente na palavra que melhor se revelam as formas básicas, as formas ideológicas gerais da comunicação semiótica.»(36)

B2.2 palavra como «signo interior»:

«Há uma outra propriedade da palavra /.../ que a torna o primeiro meio da consciência individual»: ela «é, por assim dizer, utilizável como signo interior; pode funcionar como signo sem expressão externa.»

atenção: isto aparentemente põe um problema: pois se o signo é determinado pelo conjunto das relações sociais e se apenas existe enquanto relação entre indivíduos socialmente organizados, como pode a palavra funcionar como signo «sem expressão externa»?

Continua B.

«Por isso o problema da consciência individual como problema da *palavra interior* /.../ constitui um dos problemas fundamentais da filosofia da linguagem.»(37)

B2.3 Universalidade da palavra:

«É devido a esse papel excepcional de instrumento da consciência que a *palavra funciona como elemento essencial que acompanha toda criação ideológica, seja ele qual for.*»(37) Ainda que a palavra não possa substituir todo símbolo ideológico (uma música, um quadro, etc.)

«A palavra está presente em todos os atos de compreensão e em todos os atos de interpretação.»(38)

Por todas essas propriedades, a palavra

«é o objeto fundamental do estudo das ideologias. /.../ A única maneira de fazer com que o método sociológico marxista dê conta de todas as profundidades e de todas as sutilezas das estruturas ideológicas 'imanescentes' consiste em partir da *filosofia do signo ideológico*. E essa base de partida deve ser traçada e elaborada pelo próprio marxismo.»(38)

B2.4 ideologiaXpsiquismo: ida e volta do exterior para o interior

Isto posto, a palavra é o signo que servirá de base para delimitar a ideologia e a psicologia

«/.../ se a realidade do psiquismo é uma realidade semiótica, como delimitar a fronteira entre o psiquismo subjetivo individual e a ideologia em sentido estrito, já que esta se apresenta igualmente como uma realidade semiótica?».(57)

Concluirá B. que esta diferenciação é dada pelo fato de que, a compreensão do signo interior «significa relacionar um signo interior qualquer com a unicidade dos outros signos interiores, isto é, apreendê-lo no contexto de um certo psiquismo»(60)

enquanto na compreensão do signo exterior «/.../trata-se de apreender um dado signo no contexto ideológico correspondente». (60)

E isto porque a

«natureza do signo interior» «(nos limites do corpo), que é acessível, em sua realidade imediata, à introspeção» não pode ser separada do ideológico, já que *todo* «conteúdo ideológico, sem exceção, /.../ pode ser compreendido e, em consequência, psicologicamente assimilado». Por «psicologicamente assimilado» B. entende «pode ser produzido por intermédio de um signo interior». (57)

B3. *psiquismo: instância necessária:*

1) «/.../todo fenômeno ideológico, ao longo do processo de sua criação, passa pelo psiquismo, como por uma instância obrigatória». (57)

«Repetindo: todo signo ideológico exterior, qualquer que seja sua natureza, banha-se nos signos interiores, na consciência. Ele nasce neste oceano de signos interiores e aí continua a viver, pois a vida do signo exterior é constituída por um processo sempre renovado de compreensão, de emoção e assimilação, isto é, por uma integração reiterada no contexto interior». (57)

2) «O signo ideológico tem vida na medida em que ele se realiza no psiquismo e, reciprocamente, a realização psíquica vive do suporte ideológico.». (64)

3) «Em suma, em toda enunciação, por mais insignificante que seja, renova-se sem cessar essa síntese dialética viva entre o psíquico e o ideológico, entre a vida interior e a vida exterior.». (66)

4) «É assim que o psiquismo e a ideologia se impregnam mutuamente no processo único e objetivo das relações sociais». (66)

B4. *Objetivação*

Como, mais exatamente, se dá este intercâmbio? A melhor descrição desta mútua impregnação está no início do capítulo VI - A Interação Verbal:

B4.1. *Expressão:*

Inicia assinalando que, para o subjetivismo individualista, a «expressão da consciência individual» é a categoria «geral, de nível superior, que engloba o ato da fala, a enunciação» (111). Isto posto, continua

def.: «Mas o que é afinal a expressão? Sua mais simples e mais grosseira definição é: tudo aquilo que, tendo se formado e determinado de alguma maneira no psiquismo do indivíduo, exterioriza-se objetivamente para outrem com a ajuda de algum código de signos exteriores». (111)

Continua:

«A expressão comporta, portanto, duas facetas: o conteúdo (interior) e sua *objetivação exterior* para outrem (ou também para si mesmo)».

B4.1.2. Esta é a base para que o subjetivismo individualista e idealista termine por insituir uma falsa dualidade entre o «que é interior» e o «que é exterior»(111),

«com primazia explícita ao que é interior, já que todo ato de objetivação (expressão) procede do interior para o exterior. Suas fontes são interiores /.../. Tudo que é essencial é interior, o que é exterior só se torna essencial a título de receptáculo do conteúdo interior, de meio de expressão do espírito»(111)

Atenção agora (objetivação):

«É verdade que, exterioriando-se, o conteúdo interior muda de aspecto, pois é obrigado a apropriar-se do material exterior, que dispõe de suas próprias regras, estranhas ao pensamento interior. No curso do processo de dominar o material, de submetê-lo, de transformá-lo em meio (em francês: "medium", pg. 122) obediente, da expressão, o conteúdo da atividade verbal a exprimir muda de natureza e é forçado a um certo compromisso.»(111)

O caso do capítulo VI - A interação Verbal

V. Partamos da afirmação de B. segundo a qual

«/.../ a enunciação é o produto da interação de dois indivíduos socialmente organizados e, mesmo que não haja um interlocutor real, este pode ser substituído pelo representante médio do grupo social ao qual pertence o locutor. A *palavra dirige-se a um interlocutor*: ela é função da pessoa desse interlocutor: variará se se tratar de uma pessoa do mesmo grupo social ou não, se esta for inferior ou superior na hierarquia social, se estiver ligada ao locutor por laços sociais mais ou menos estreitos (pai, mãe, marido, etc.).»(112)

A. *A estrutura dialógica*:

A1. a palavra como «ponte» entre dois indivíduos:

«Essa orientação da palavra em função do interlocutor tem uma importância muito grande. Na realidade, toda palavra comporta *duas faces*.»(113)

1) «ela é determinada tanto pelo fato de que procede de alguém como

2) pelo fato de que se dirige para alguém»(113)

«Ela constitui justamente o *produto da interação do locutor e do ouvinte*. Toda palavra serve de expressão a um em relação a outro. /.../ a palavra é uma espécie de ponte lançada entre mim e os outros. Se ela se apóia

sobre mim numa extremidade, na outra apóia-se sobre meu interlocutor. A palavra é o território comum do locutor e do interlocutor». (113)

A2. Interlocutor: «proprietário» da palavra

«Mas como se define o interlocutor? /.../ Em um determinado momento o locutor é incontestavelmente o único dono da palavra, que é então sua propriedade inalienável». (113)

Contudo, esta «propriedade» torna-se muito mais «complexa» se nos lembrarmos que

«A situação social mais imediata e o meio social mais amplo determinam completamente e, por assim dizer, a partir de seu próprio interior, a estrutura da enunciação». (113)

A3. socialmente dirigida + participantes imediatos

«/.../ qualquer que seja a enunciação /.../, é certo que ela, na sua totalidade, é socialmente dirigida. Antes de mais nada, ela é determinada da maneira mais imediata pelos participantes do ato da fala, explícitos ou implícitos, em ligação com uma situação precisa; a situação dá forma à enunciação, impondo-lhe esta ressonância em vez daquela, por exemplo a exigência ou a solicitação, a afirmação de direitos ou a prece pedindo graça, um estilo rebuscado ou simples, a segurança, a timidez, etc.». (113-4)

A palavra se situa no terreno entre dois indivíduos. Toda enunciação é determinada «da maneira mais imediata pelos participantes do ato de fala», mas toda enunciação, em sua totalidade «é socialmente dirigida» e, portanto, é a «situação imediata» que «dá forma à enunciação». Em outras palavras,

«A situação e os participantes mais imediatos determinam a forma e o estilo ocasionais da enunciação. Os estratos mais profundos da sua estrutura são determinados pelas pressões sociais mais substanciais e duráveis a que esta submetido o locutor». (114)

Do mesmo modo,

«Se tomarmos a enunciação no estágio mais inicial do seu desenvolvimento, 'na alma', não se mudará a essência das coisas, já que a estrutura da atividade mental é tão social como a da objetivação exterior. O grau de consciência, de clareza, de acabamento da atividade mental é diretamente proporcional ao seu grau de orientação social». (114)

Obs: Ainda que aqui, possa haver problema na afirmação de que «a estrutura da atividade mental é tão social como a da objetivação exterior», se por social entendermos algo distinto do psiquismo interior, ainda seria possível, a meu ver, argumentar que B. está aqui usando o termo «social» no sentido de distinguir de «biológico» ou «natural». Se essa nossa, talvez, «forçada de barra» for aceita

(contrária a ela, a citação da pg. 118 na pg. seguinte, assinalada com #), então ganha sentido as seguintes palavras de B.:

«Tudo isso lança uma nova luz sobre o problema da consciência e da ideologia. *Fora de sua objetivação, de sua realização num material determinado* (o gesto, a palavra, o grito), a consciência é uma ficção. Não é senão uma construção ideológica incorreta, criada sem considerar os dados concretos da expressão social». (117-8)

Contudo:

«enquanto expressão material estruturada (através da palavra, do signo, do desenho da pintura, do som musical, etc.) a consciência constitui um fato social objetivo e uma força social imensa». (118)

E ainda mais:

«É preciso notar que essa consciência não se situa acima do ser e não pode determinar a sua constituição, uma vez que ela é, ela mesma, uma parte do ser, uma das suas forças; e é por isso que a consciência tem uma existência real e representa um papel na arena do ser». (118)

B. A morte do sujeito na estrutura dialógica?

B1. personalidade= «produto total» da «inter-relação social»:

«Assim, a personalidade que se exprime, apreendida, por assim dizer, do interior, revela-se um produto total da inter-relação social. A atividade mental do sujeito constitui, da mesma forma que a expressão exterior, um território social. Em consequência, todo o itinerário que leva da atividade mental (o 'conteúdo a exprimir') à sua objetivação externa (a 'enunciação') situa-se completamente (grifo nosso) em território social. Quando a atividade mental se realiza sob a forma de uma enunciação, a orientação social à qual ela se submete adquire maior complexidade graças à exigência de adaptação ao contexto social imediato do ato de fala e, acima de tudo, as interlocutores concretos». (117)

E, logo abaixo:

«Enquanto a consciência permanece fechada na cabeça do ser consciente, como uma expressão embrionária sob a forma de discurso interior, o seu estado é apenas o esboço, o seu raio de ação ainda limitado. Mas assim que passou por todas as etapas da objetivação social, que entrou no poderoso sistema da ciência, da arte, da moral e do direito, a consciência torna-se uma força real, capaz mesmo de exercer em retorno uma ação sobre as bases econômicas da vida social». (118)

E aí ele completa:

«Certo, essa força materializa-se em organizações sociais determinadas, reforça-se por uma expressão ideológica sólida (a ciência, a arte, etc.) mas, mesmo sob a forma original confusa do pensamento que acaba de nascer, pode-se já falar de fato social e não de ato individual interior». (118)

Vejam que contraste com aquela passagem sobre a objetivação que vimos acima³:

«/.../ não é tanto a expressão que se adapta ao nosso mundo interior, mas o *nosso mundo interior* que se adapta às possibilidades de nossa expressão, aos seus caminhos e orientações possíveis». (118) Cf tb. pg. 112)

E, novamente

«Só o grito inarticulado de um animal procede do interior, do aparelho fisiológico do indivíduo isolado. É uma reação fisiológica pura, e não ideologicamente marcada. Pelo contrário, a enunciação humana mais primitiva, ainda que realizada por um organismo individual, é, do ponto de vista do seu conteúdo, de sua significação, organizada fora do indivíduo pelas condições extra-orgânicas {lembrar da extraterritorialidade, pg. 64 do livro} do meio social». (121)

conclusão:

«O subjetivismo individualista tem razão em sustentar que as enunciações isoladas constituem a substância real da língua e que a elas está reservada a função criativa da língua. Mas está errado quando ignora e é incapaz de compreender a natureza social da enunciação e quando tenta deduzir esta última do mundo interior do locutor, enquanto expressão desse mundo interior. A estrutura da enunciação e da atividade mental exprimir são de natureza *social*. A elaboração estilística da enunciação é de natureza *sociológica* e a própria cadeia verbal, à qual reduz em última análise a realidade da língua, é *social*. Cada elo dessa corrente é social, assim como toda a dinâmica da sua evolução». (122)

³«É verdade que, exteriorizando-se, o conteúdo interior muda de aspecto, pois é obrigado a apropriar-se do material exterior, que dispõe de suas próprias regras, estranhas ao pensamento interior. No curso do processo de dominar o material, de submetê-lo, de transformá-lo em *meio* (em francês: "medium", pg. 122) obediente, da expressão, o conteúdo da atividade verbal a exprimir muda de natureza e é forçado a um certo compromisso.» (111)